

Com o olhar no futuro

“Pano de Fundo” conversou com a professora Fernanda Luma, coordenadora do In Dependência, sobre a importância das iniciativas ligadas a este projeto.

Quando se fala em droga, persiste uma associação direta aos entorpecentes de consumo proibido, a exemplo de maconha cocaína, crack. No entanto, na esteira dos psicotrópicos, impera uma diversidade de substâncias consideradas lícitas. De que forma o In Dependência trabalha essa questão?

Fernanda Luma: O projeto trabalha com dependências químicas e não químicas, numa perspectiva que tem em vista que várias outras coisas podem tomar o lugar de uma droga nas nossas vidas, devido ao comportamento compulsivo e adocedor que desencadeiam, como sexo, relacionamentos, jogos, internet, entre outros. Também entende que mesmo as drogas lícitas – como,

por exemplo, álcool, tabaco e medicamentos - devem vir acompanhadas de uma parcimônia, pois apesar das atenções do país estarem, hoje, voltadas para o consumo do crack, o álcool não perde a sua soberania no campo da dependência. De fato, o álcool é a terceira causa de aposentadoria por invalidez. Logo, o fato de ser lícito não é sinônimo de ser saudável. O In Dependência trabalha com públicos diferentes e, portanto, faz intervenções também diferentes a depender de quem é atendido, por exemplo: funcionários da Asces, discentes, adolescentes, crianças, entre outros.

O cenário de Caruaru gera preocupação? O Poder Público vem atingido a contento a necessidade de políticas públicas voltadas ao combate das drogas?

Fernanda Luma: A cidade de Caruaru vem experimentando um crescimento muito grande nos úl-

timos anos e não, necessariamente, de forma planejada, nem igual para todas as camadas sociais. Isso lhe dar ares de capital e, como tal, traz muitos dos problemas de uma grande cidade como tráfico e dependência de drogas, moradores de rua, entre outros. O Estado tem tentado diversificar e ampliar suas instituições a fim de dar melhor cobertura de atendimento, mas o contexto de crise econômica tem colocado limites e retrocessos nos atendimentos para estes públicos. O quadro se complica com o fomento de serviços privados, ao invés de públicos, o que torna a saúde um serviço de difícil acesso, quando não impossível, para as pessoas pobres. Além disso, existe o fato de nem sempre existir uma fiscalização coerente e contínua desses serviços, o que propicia um atendimento inadequado, com foco na abstinência total, desrespeito aos direitos humanos, práticas manicomialistas.



É possível observar um fenômeno que chama atenção e pode preocupar: o aumento do número de bares e ambulantes que comercializam bebidas alcoólicas nos arredores de estabelecimentos de ensino. Como pensar numa estratégia para a prevenção do consumo de drogas nestes ambientes?

Fernanda Luma: A proliferação de bares ao redor de ambientes de estudo atrai cada vez mais pessoas, em sua maioria, jovens. Essa relação de juventude e exposição versus uso de drogas nos bares, por exemplo, será alvo de nossas próximas ações, mas não numa perspectiva de condenação ou abstinência. As pessoas não serão convidadas a parar, mas a reduzir os danos à sua saúde quando consome, por exemplo, sendo orientadas a se alimentarem enquanto bebem e a não fumarem onde tem parede e teto nem com outras pessoas por perto, para não potencializar fumantes passivos.

Em visitas às escolas e ações promovidas, como pode ser classificada a receptividade ao projeto?

Fernanda Luma: Sempre é muito boa! Creio que pelo fato de o projeto sempre trabalhar com os mesmos de forma de dinâmicas relacionadas ao consumo/dependência a coisas do seu cotidiano, como relação sexual, acidente de trânsito, festa, violência entre os pais, e também pela discussão sobre dependências não químicas.

A participação dos graduandos da Asces é positiva? Quais os desafios para o futuro do Projeto?

Fernanda Luma: Os graduandos são convidados a participar de todo o processo do Projeto, desde os planejamentos das atividades, à intervenção e também a publicação de artigos científicos, o que muito contribui e traz um diferencial aos estudantes que participam fazendo-os amadurecer como profissionais e como pessoas.

Nosso desafio é dar conta de tantos ângulos diferentes da discussão e tantas demandas com tão poucas pessoas - somos 5 - e em tão pouco tempo.

Quais as perspectivas para o futuro?

Fernanda Luma: O projeto espera atrair outros cursos para compor o seu quadro, enriquecendo-o com outros pontos de vista da discussão, além do social. Temos a pretensão de, a longo prazo, termos um centro de referência em drogas na Faculdade Asces, que conte não só com a extensão, mas também com um grupo de pesquisa que assessoro o município e a rede de referência. Para isso, temos um contado com o apoio do Laboratório de Estudos, Políticas e Práticas Sociais do curso de Serviço Social, ao qual somos vinculados enquanto projeto de extensão e da própria coordenação geral da faculdade, aos quais somos imensamente gratos por abraçarem essa causa conosco! ■